

Escritos de luto: sobre a morte do analista

Marina Bialer

Marina Bialer é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, mestre e doutora pela Université Paris 7, com pós-doutoramento pela USP.

Resumo O artigo discute diferentes modelos de luto – os finitos sob o paradigma do modelo freudiano totemista e os infinitos, abertos, baseados numa lógica não fálica, através do fio condutor organizador que são os escritos dos lutos redigidos por psicanalistas diante da morte de seus próprios analistas.

Palavra-chave luto; escrita; analista; morte.

DOI: 10.70048/percurso.74.00-00

Introdução

A morte do analista durante o tratamento analítico é um tema muito pouco abordado no campo psicanalítico¹, embora seja algo presente cotidianamente na nossa vida, na experiência clínica – seja diante da morte de nossos próprios analistas, a escuta de analisandos que perderam seus analistas anteriores, o acompanhamento de colegas que perderam seus analistas, e, no horizonte mais amplo, a temática de nossa própria morte e como isso pode se colocar na análise.

Para abrir o presente texto, vou apresentar brevemente duas produções psicanalíticas contemporâneas redigidas por psicanalistas que haviam vivenciado o adoecimento e a morte de seus analistas no transcorrer do processo analítico.

Ainda que *Um beijo roubado: narrativas de uma análise com Conrado* não tenha sido redigido diretamente como um trabalho de luto pela morte do analista, a autora (Lima) inclui algumas páginas finais ao saber da morte do seu analista. A psicanalista já estava escrevendo um livro sobre seu tratamento analítico e conta ter decidido concluir o livro ao deparar com sinais da fragilidade e do adoecimento do analista, que comunica em uma sessão estar em tratamento de câncer.

Em parte, essa escrita da análise se alinha à questão do que se elabora de uma análise, do que fica da análise ao seu fim, mas também desse falar das marcas do analista após a despedida final. A autora encerra o livro quando já sabe que seu analista morreu, comentando que, em uma de suas últimas interações, ela contava de um sonho em que começavam a emergir tumbas no meio de uma refeição em família. E ela termina o relato com a intervenção de seu

¹ Em sua dissertação de mestrado, Vianna (*A morte do psicanalista e a perpetuação da análise*) – mobilizada justamente pela morte do próprio analista durante sua análise – investiga a abordagem do luto pela morte do analista, por meio do estudo de artigos disponíveis em banco de dados – material abrangendo diversas linhas teóricas dentro da psicanálise –, no qual oferece um “estado da arte” que retrata quão pouco tem sido falado teoricamente sobre o tema.



*o pai de Contardo Calligaris
lhe dizia que havia livros
para tapar os buracos nas estantes
e outros escritos para preservar
os buracos nelas (mencionando
que historicamente a Bíblia,
por exemplo, foi usada como
tapador desses buracos)*

analista – Contardo Calligaris: “Não sei por que o horror... O que é que tem? Qual o problema em receber visita dos mortos? É muito importante poder falar com os mortos... Eu mesmo gosto muito de conversar com eles. Vou sempre ao cemitério e faço longos passeios...”².

Em outra produção, em postagem no Instagram, ao rememorar a morte de seu analista, Salum conta um fragmento de sua análise:

Lembro-me de quando, no outro cenário [no consultório do analista], terminava num enredo triste, sempre lhe pedia algo bonito para me dar. Já recebi sugestões de filmes, peças de teatro, pequenos objetos guardados numa gaveta, músicas e, para não perder o hábito chistoso do momento, ele se levantava e olhava sua estante, “algo bonito, algo bonito”, como quem pensa em voz alta. E geralmente me entregava um livro policial.

Nunca devolvi nenhum dos livros visto que a entrega vinha somada à frase “eu prefiro as estantes esburacadas”³.

Nesse ponto vale mencionar que o analista de Salum, Contardo Calligaris, no último livro que redigiu⁴ – já em tratamento do câncer que acarretou seu falecimento –, explana justamente seu apeço pelos buracos nas estantes. Ele conta de um episódio em que conversava com seu pai e ele lhe dizia que havia livros para tapar os buracos nas estantes e outros escritos

para preservar os buracos nelas (mencionando que historicamente a Bíblia, por exemplo, foi usada como tapador desses buracos). Em contrapartida, Calligaris conclui que gostava dos livros que preservam buracos, os quais arejam “a vida da gente. Meu pai achava sempre melhor conviver com os buracos do que tapá-los e circular sempre entre estantes completas”⁵. Mais ainda, não somente os livros retirados traziam vitalidade, como ele critica “os livros que tentam transformar os buracos em fardos existenciais, dramas ou tragédias de experiência humana”⁶. O que importaria seria reconhecer que nenhum livro poderia tapar todos os buracos, visto que a nossa existência é isso mesmo, as faltas que nos constituem⁷.

A seguir, no mesmo supracitado post do Instagram, Salum conta outro fragmento de sua análise. Em uma sessão, online, já sabendo da iminente morte do analista, ela finalmente fala que sabia da sua morte e tenta concluir alguns fios soltos da análise, elaborar mais alguns aspectos desse fazer análise compartilhado. Após ter exposto o que desejava falar, ambos deixam a câmera ligada, e ela conta: “Apenas quando imaginei ter concluído, ele se virou para a tela e me olhou embaçada, como nunca havia sido vista por ele, ao finalizar a estória por mim: “Escuta, você tem alguma coisa bonita para me dar?”⁸.

Lutos finitos

Meu objetivo aqui não é esmiuçar a construção do conceito de luto na obra freudiana e no corpus psicanalítico. Todavia, faz-se necessário esclarecer algumas linhas gerais dos modelos de luto que usarei no presente texto, cujo objetivo central é pensar escritos precipitados pela morte do analista e redigidos por psicanalistas.

Embora “Luto e melancolia”⁹ seja o clássico, canônico quando se fala em trabalho de luto, trata-se de observações acerca dos processos psíquicos envolvidos no luto, mas em grande medida – como o próprio Freud afirma – o texto

foi construído para elucidar a patologia melancólica.

Em Freud, podemos situar um trabalho do luto centrado no modelo de identificação totemista, a partir do que é delineado tanto no supracitado texto como em “Totem e tabu”¹⁰, o que será ilustrado pelos escritos do psicanalista Theodor Reik diante da morte de seus analistas. Reik irá explicitar seu luto como um processo psíquico de identificação com o objeto perdido, de incorporação canibal de traços do objeto perdido no interior de si. Aqui temos um modelo de luto finito centrado na transformação do eu ancorada em uma identificação, articulado fortemente ao modelo totemista. Trata-se de um modelo identificatório canibal introjetivo: o luto termina quando o objeto é introjetado e a conclusão do luto seria não mais um momento de pesar, mas festivo, de alegria, semelhante ao que ocorria em nível coletivo nas festas totêmicas (incorporação/devoração do pai morto).

No transcorrer do texto, contudo, irei abordar outros modelos para pensar o luto, inclusive a partir do próprio Freud, sempre tendo em vista o recorte do tema de escritos de luto redigidos por psicanalistas diante da morte de seus próprios analistas.

2 N.O. Lima, *Um beijo roubado: narrativas de uma análise com Contardo*, p. 188.

3 L. Salum, Post: “Geralmente encadeamos os lutos. Ontem, diante da morte de Antonio Cícero e das lindas continuidades dele nos outros, lembrei-me do Contardo...”. [Perfil do Instagram].

4 C. Calligaris, *O sentido da vida*.

5 C. Calligaris, *op. cit.*, p. 83.

6 C. Calligaris, *op. cit.*, p. 83.

7 Aqui seria possível desenvolver os escritos de luto como produções estéticas em torno do objeto a, mas mais este desdobramento teórico não caberia nos limites do presente texto.

8 L. Salum, *op. cit.*

9 S. Freud, “Luto e melancolia”, in *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros escritos (1914-1916)*.

10 S. Freud, “Totem e tabu”, in *Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)*.



*irei abordar outros
modelos para pensar
o luto, sempre tendo em vista
o recorte do tema de escritos
de luto redigidos por
psicanalistas diante da morte
de seus próprios analistas*

O tema do luto pela morte
do analista nos primórdios da
biblioteca psicanalítica

Na biblioteca psicanalítica temos duas importantes referências dos primórdios do campo, livros redigidos por um psicanalista elaborando o luto pela morte de seus analistas. Quase nunca mencionados, os escritos de Theodor Reik acerca da morte de seus analistas Abraham e Freud podem nos oferecer uma interessante perspectiva acerca do paradigma do luto – embasado no corpus teórico freudiano – que adota um modelo identificatório de incorporação do objeto perdido. Embora se tratasse de análises que já estavam encerradas, sua transferência com ambos ainda estava a pleno vapor, o que será evidenciado no longo trabalho elaborativo a que ele se dedica por meio desses escritos.

Quando recebe a notícia da morte de Abraham e o convite para que realize uma fala em sua homenagem, após um estado inicial de choque e entorpecimento, Reik é tomado por uma melodia invasiva que não sai de sua cabeça. Investigando psicanaliticamente sua relação com essa pervasiva sinfonia de Mahler, por meio de uma longa autoanálise, Reik trabalha questões transferenciais que haviam ficado em suspenso, como a rivalidade entre eles em relação à filiação simbólica. É justamente a análise



ao querer publicar
as cartas de Freud,
Theodor Reik estaria
fazendo o equivalente
aos canibais que comiam
a parte de quem admiravam,
do pai morto

desse episódio de invasão de uma melodia e do estudo do próprio Mahler que dará origem a um dos seus mais celebrados livros *The haunting melody: psychoanalytic experiences in life and music* [A melodia assombradora: experiências psicanalíticas na vida e na música]¹¹. Esse livro é um fragmento de autoanálise, um escrito pós-análise, a elaboração do fim de uma análise, e uma vertente ao mesmo tempo elaborativa do luto pela morte do analista.

Já em *Fragments of a great confession* [Fragmentos de uma grande confissão]¹², encontramos um escrito precipitado pela análise realizada com Freud. Será, contudo, em outro livro – *The search within* [A procura dentro de si]¹³ – que o psicanalista irá discutir a morte de Freud. Trata-se de uma análise extremamente longa, minuciosa, da qual proponho a discussão de um episódio – um recorte focado no eixo do desejo/culpa pelo desejo parricida, que será privilegiado nesse modelo de elaboração do luto por identificação/ incorporação canibal¹⁴.

Nesse episódio, Reik conta que um dia acordou com um mal-estar, a sensação de que podia ter um ataque cardíaco, e se lembra de Freud doente; a seguir, pensa na sua dificuldade em publicar as cartas que Freud lhe enviara. Enquanto lida com a insônia, começa a ler um livro sobre um missionário que viveu com as tribos canibais (Papua) na Nova Guiné, que tinham

por costume guardar os crânios dos pais mortos – os quais eram devorados pelas tribos vizinhas a pedido dos filhos. Igualmente, na tribo era usual se alimentar do chefe da tribo para incorporar suas qualidades. Quando adormece, ele escuta no sonho a frase “quem come o faraó disso morre”. Ele lembra o provérbio que dizia que quem comia o papa disso morreria, o que ele associa a um livro que ele lera sobre canibalismo e que aproximava papua e papa, comentando que era assim também que ele chamava seu pai. Sua argumentação é de que, ao querer publicar as cartas de Freud, ele estaria fazendo o equivalente aos canibais que comiam a parte de quem admiravam, do pai morto. É assim que ele afirma seu desejo/medo de incorporar o pai morto/o analista-mestre Freud, pois “publicando aquelas cartas, eu desejo me tornar Freud”¹⁵. A identificação com o analista morto (no modelo de assimilação canibal) vem acompanhada pela culpa ao se vislumbrar enriquecido ao comer o cérebro de Freud, ao se identificar com ele, ao assumir seu lugar. Como nos diz Reik: “Eu comi Freud, eu escolhi seu cérebro, eu o incorporei”¹⁶. Como não é meu intuito explanar a abordagem psicanalítica reikiana, limito-me aqui a enfatizar esse recorte dos seus fragmentos de lutos para destacar o paradigma de identificação canibal, alicerçado em um modelo freudiano de luto – que encontramos de modo mais explícito em “Totem e Tabu” –, para em seguida contrapor a perspectiva de outros paradigmas possíveis para o luto.

Revisitando a teoria do luto

Na teorização freudiana em “Luto e melancolia”, “via de regra, luto é a reação à perda de uma pessoa amada ou de uma abstração que ocupa seu lugar, como pátria, liberdade, um ideal etc.”¹⁷. Trata-se, ademais, de um objeto específico, com o qual se tem uma relação muito forte, cuja perda fará com que o mundo se torne esvaziado, temporariamente sem interesse. Sob essa perspectiva, o luto termina em um modelo de identificação/

incorporação: após reconhecer a perda, realizar o trabalho de rememoração, de rever traço por traço a ligação; depois de encarar a realidade, a falta do objeto, por meio do trabalho de revisitação dos inúmeros traços do objeto perdido, de reconhecimento do que perdemos naquele que morreu, haveria a metamorfose do eu, agora composto também por traços do objeto perdido.

O *Luto e Melancolia* freudiano é intrassubjetivo, não enfoca a dimensão social do luto e se centra no luto como longo trabalho rememorativo, doloroso, que cada enlutado precisa enfrentar para dar um novo destino psíquico ao objeto perdido, até então altamente investido libidinalmente, de modo a efetivamente se separar dele.

11 T. Reik, *The Haunting melody: psychoanalytic experiences in life and music*.

12 T. Reik, *Fragments of a great confession*.

13 T. Reik, *The search within*.

14 Há uma linha transversal nos estudos de Reik que cruza a temática da crença no poder mágico dos mortos, o medo dos fantasmas/as medidas reativas contra desejos de morte, desembocando, por exemplo, nos cuidados com corpos como a mumificação dos cadáveres e os ritos fúnebres. Aliás, sua pesquisa sobre os ritos judaicos, especialmente os fúnebres, mostrará a aproximação entre fenômenos clínicos individuais e os coletivos, e será tema do livro *Pagan rites in judaism* [Ritos pagãos no judaísmo], em que as rezas em homenagem aos mortos serão analisadas no eixo culpa, desejo, retorno do recalcado individual/coletivo. Em um luto expiatório, seguindo a esteira freudiana de aproximação da sintomatologia neurótica no âmbito individual e a expressão em ritos coletivos no âmbito coletivo – retratos da relação ambivalente com a figura paterna, culpa pela morte, interpretação da figura paterna totêmica incorporada pela devoração, assassinato do pai/do objeto amado celebrado e expiado no ato.

15 T. Reik, *op. cit.*, p. 624.

16 T. Reik, *op. cit.*, p. 624.

17 S. Freud, *op. cit.*, p. 171-172.

18 S. Freud, “A transitoriedade”, in *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros escritos (1914-1916)*, p. 251-252.

19 Cf. Carta de Freud a Ludwig Binswanger. “Sabemos que a tristeza aguda que sentimos causada por tal perda chegará ao fim, mas também que ficaremos inconsoláveis, sem jamais encontrar um substituto. Não importa o que vir para assumir esse lugar, mesmo que o ocupe inteiramente, ainda assim permanece sempre algo de outro. E é assim que deveria ser. Esta é a única maneira de perpetuar um amor que não queremos abandonar” (S. Freud, 1929/2003, apud M.X. Pinho-Fuse, *Luto à flor da pele: as tatuagens in memoriam em leitura psicanalítica*, p. 283).

20 J. Allouch, *Erótica do tempo no tempo da morte seca*.

21 C. Dunker, *Lutos finitos e infinitos*.

22 M.X. Pinho-Fuse, *op. cit.*

23 D. Leader, *Além da depressão: novas maneiras de entender o luto e a melancolia*.



Allouch critica justamente o modelo de luto em que toda perda seria suprida com uma substituição, contrapondo a essa perspectiva a existência de um objeto insubstituível no luto

O luto é concluído com a troca por outro objeto, de modo que um objeto seria substituível; e há uma substituição do objeto por traços identificatórios deste, pelo que foi incorporado.

Sabemos que o luto, por mais doloroso que seja, acaba naturalmente. Tendo renunciado a tudo que perdeu, ele terá consumido também a si mesmo, e nossa libido estará novamente livre – se ainda somos jovens e vigorosos – para substituir os objetos perdidos por outros novos, possivelmente tão ou mais preciosos que aqueles.¹⁸

No entanto, nas correspondências de Freud – redigidas após suas supracitadas elaborações teóricas sobre o luto – quando fala da perda de sua filha Sofia, encontramos explicitamente uma dimensão insubstituível¹⁹: de algo que resta do luto, de um objeto perdido que não será abandonado inteiramente e trocado pelo outro. Em *Erótica do luto*, Allouch²⁰ critica justamente o modelo de luto em que toda perda seria suprida com uma substituição, de que o eu sairia engrandecido ao término de um luto finito, contrapondo a essa perspectiva a existência de um objeto insubstituível no luto, de buracos que não poderiam ser tampados por outros objetos. Nesse ponto, vários outros psicanalistas como Dunker²¹, Pinho-Fuse²² e Leader²³ ponderam a necessidade de uma revisitação da teoria freudiana do luto.



*é ao revisitar a análise
lacaniana das tragédias Antígona,
de Sófocles, e Hamlet,
de Shakespeare, que Dunker
salienta eixos interpretativos
que atravessam a leitura do luto
nessas escritas: a violação do rito
fúnebre com enterros
feitos às pressas*

A pluralização dos modelos de luto

Antes de discutir a perspectiva de pluralização dos modelos de luto nos escritos precipitados pelas mortes dos próprios analistas, proponho abordar em linhas gerais como essa revisitação da teorização freudiana do luto foi embasada por Dunker em *Lutos finitos e infinitos*²⁴. O autor parte de Lacan, mas também da literatura e de vasto repertório antropológico, para desenvolver um extensivo trabalho centrado na pluralização de paradigmas de luto. Nesse âmbito, ao invés do que ele designa ser uma teoria fálica do luto – nesse modelo canibal identificatório, que seria centrado na ideia de que se recupera o que se perdeu, como se saísse do luto com algo a mais, como se obtivesse o complemento da castração, apropriando-se de traços do objeto perdido –, seria possível pensar em lutos centrados em outras lógicas não fálicas, como por exemplo o que o psicanalista designa como lutos infinitos, lutos abertos, lutos pensados a partir do perspectivismo ameríndio (que não terão a base freudiana de submissão do animismo ao totemismo).

Essa pluralização de modelos de luto se alicerça na ideia de que há contramodelos de identificação, que possibilitam pensar outras formas de lidar com a perda, que não é essa centrada no modelo de um eu canibal que ficará engrandecido pelos traços incorporados dos outros. Ao

contrário, o psicanalista discute, por exemplo, modelos antropológicos de luto (não totêmico) em que o eu se dissolve nos outros, sem ser melancolia; inclusive ele comenta como no luto do xamã do povo Araweté é esperado que o enlutado não incorpore nada em si, mas que se ofereça como dom (não totêmico), em uma sociedade em que a morte (do objeto amado) é vivida como perda de si e não do outro. Meu objetivo no presente texto não é esmiuçar as diversas modalidades de luto que serão elaboradas por Dunker, mas apresentar a ideia de outros lutos possíveis, para além do modelo identificatório por assimilação canibal, fechado, fálico-totemista²⁵, quando pensamos a morte do analista.

É ao revisitar a análise lacaniana das tragédias *Antígona*, de Sófocles, e *Hamlet*, de Shakespeare, que Dunker salienta eixos interpretativos que atravessam a leitura do luto nessas escritas: a violação do rito fúnebre com enterros feitos às pressas, clandestinos, a interdição do rito fúnebre e com isso o risco de aniquilamento da existência simbólica, do apagamento dos restos dos mortos que não serão propriamente enterrados. *Antígona* e *Hamlet* trazem a problemática de lutos sem direito pleno aos ritos fúnebres (recusados/abreviados/tornados clandestinos) e como a relação entre vivos e mortos no transcorrer da história humana dependeu do tratamento ritualístico dado aos últimos.

Não obstante, independentemente de haver situações contingenciais desafiadoras como o que ocorreu no desamparo dos personagens literários supracitados, Dunker avança a hipótese da existência de uma dimensão de abertura possível de todo luto – no sentido de trabalho psíquico após a perda de um objeto –, remetida à concepção de que os lutos se interligam, abrem-se uns aos outros. Aqui temos a perspectiva coletiva, a importância dos rituais, dos diálogos entre perdas e lutos, da ideia de que, para se fazer o luto, é preciso que o luto se conecte aos outros: “um luto termina quando a perda se integra em uma cadeia de lutos que o precedeu e o tornou possível”²⁶. Ou, dito de outra maneira,

o próprio trabalho de luto tem uma estrutura de cadeia, ou seja, cada luto envolve e mobiliza os lutos anteriores como parte do mesmo processo de simbolização. Cada luto termina quando se integra, como mais um anel, na cadeia de lutos do sujeito. Por outro lado, cada luto se abre ao conectar-se com a cadeia de lutos dos outros, por meio de ritos e mitos que cada cultura reserva para a partilha entre os viventes²⁷.

Além de Dunker, os psicanalistas Allouch²⁸, Alonso²⁹ e Leader³⁰ enfatizam a importância do coletivo, do ritual, do público para o trabalho do luto. Na concepção lacaniana do luto, não estamos centrados exclusivamente no terreno intrassubjetivo, mas intersubjetivo, em relação com todo o campo social, inclusive os ritos fúnebres. Para sublinhar a importância do coletivo para lidar com o vazio precipitado pela morte, Dunker conta de um episódio em que um paciente procura Lacan relatando que tinha acabado de perder seu analista e que queria começar uma análise para lidar com essa perda. E Lacan diz que o que era crucial naquele momento era o analisando ir ao enterro, que estava em vias de acontecer, e depois iriam falar disso. Que era de suma importância participar do rito fúnebre coletivo e materializar essa perda.

Essa dimensão de encadeamento coletivo dos lutos já foi endereçada mais fortemente por ritos fúnebres, muitos de base religiosa, enquanto atualmente vemos a invenção de outras alternativas, muitas delas alicerçadas na escrita literária ficcional e/ou autobiográfica³¹. Meu objetivo no presente texto é recortar dessa experiência de

»
*além de Dunker, os psicanalistas
Allouch, Alonso e Leader
ênfatizam a importância
do coletivo, do ritual, do público
para o trabalho do luto.
Na concepção lacaniana
do luto, não estamos centrados
exclusivamente no terreno
intrassubjetivo, mas intersubjetivo*

escrita do luto a perda especificamente do analista, como um eixo de tratamento do luto que não seja necessariamente orientado por um modelo fechado de um luto que acabaria com uma identificação com o objeto perdido. Ou seja, proponho que há um eixo de conceber o luto como foi ilustrado no exemplo reikiano, mas que há outras maneiras de pensarmos os lutos. No eixo de um luto aberto, o fundamental é o coletivo: uma dimensão do luto que se faz junto do luto dos outros, o que inclui práticas sociais como escritas fúnebres. Não se trata de uma modalidade de luto que não se fecha porque fica reiterando tentativas sem fim de simbolização – como o que ocorria com Hamlet, que encontra empecilhos para a conclusão de uma simbolização possível. Além do paradigma do luto intrassubjetivo, encerrado quando se incorpora o objeto perdido, estamos pensando uma dimensão interminável, de abertura, pois se trata desse encadeamento coletivo de diálogo com os lutos dos outros, e como disso pode emergir um trabalho de criação compartilhado, tecido no coletivo.

Escritas do luto diante da morte
do analista: criações em torno do
vazio da perda

Embora seja plausível situar o ímpeto para a força crescente das escritas precipitadas pelo luto

24 C. Dunker, *op. cit.*

25 Uma instigante e complexa teorização acerca de modalidades alternativas de lutos não centradas na lógica fálico-totemista pode ser encontrada em *Lutos finitos e infinitos* quando o psicanalista contrapõe esse modelo masculino/patriarcal a um modelo de luto feminino, o que ele irá aproximar do perspectivismo ameríndio e de outros modelos de identificação.

26 C. Dunker, *op. cit.*, p. 14.

27 C. Dunker, *op. cit.*, p. 215.

28 J. Allouch, *op. cit.*

29 S. Alonso, *Ressonâncias da clínica e da cultura: ensaios psicanalíticos*.

30 D. Leader, *op. cit.*

31 Outras formas contemporâneas de tûmulo literário se encontram nas redes sociais cf. pesquisa de L. Goldberg. *Das tumbas às redes sociais: um estudo sobre a morte e o luto na contemporaneidade*.



*nas produções contemporâneas
escritas por psicanalistas
temos invenções mobilizadas
pelo luto do analista,
que podem ser pensadas
no eixo da pluralização
de formas de luto,
e da circulação desses lutos
em diálogo com outros*

a partir do declínio dos rituais fúnebres religiosos, Pinho-Fuse realiza um interessante estudo histórico da existência dessas escritas, citando o exemplo dos túmulos literários: no século I, Plutarco escreve um tratado dedicado à esposa enlutada pela morte da filha. A escrita de Plutarco – designada túmulo de letras – é interpretada como uma extrapolação do luto privado, dirigindo-se a todos os leitores que podiam deparar com aquela carta de consolação, que falaria de todos os pais que perderam seus filhos, de todos os que perderam seus amados e estão enlutados. Outra modalidade que ela estudou foram túmulos literários que se aproximariam dos epitáfios: redigidos por aqueles prestes a morrer ou por outros que queriam prestar homenagem, ou em alguma medida fazer circular no coletivo essa parte do trabalho de luto.

A escrita do luto pela morte do analista, segundo a hipótese que elaboro no presente texto, *pode ser situada nesse eixo de criações fúnebres, de invenções singulares precipitadas pela morte, e faz parte do trabalho de luto intrassubjetivo, mas também intersubjetivo, de manifestações do luto no âmbito público ao transmitir essa experiência, ao dar vida a produções estéticas criadas em lutos.*

Nas supracitadas produções contemporâneas escritas por psicanalistas temos invenções mobilizadas pelo luto do analista, que podem ser pensadas no eixo da pluralização de formas de luto, e da circulação desses lutos em diálogo

com outros. Em ambos os casos, vemos um movimento que retrata não tanto um modelo de identificação, de incorporação, mas de uma perda do outro/no outro, uma perda de si quando se perde um outro, um buraco em si quando perdemos o outro, um pedaço de si que vai com os outros. Que algo resta desse trabalho de luto e que algo disso pode ser transmitido pela experiência de escrita: uma maneira de dar um estatuto de vazio a uma perda que nunca será preenchida, substituída.

É interessante que nem na escrita de Lima nem na de Salum encontramos um luto centrado na dificuldade de lidar com a ambivalência em relação ao analista morto, ou o modelo de introjeção canibal, no paradigma presente em Reik. Não que não haja uma dimensão de sentimentos negativos que possam emergir ao ser “abandonado”, com a morte do analista, mas talvez possamos justamente falar desse reconhecimento ético da falta em si, da morte do analista como o livro que deixa nossas bibliotecas esburacadas – sem que isso seja culpa de ninguém. Pode ser que cada um dos supracitados autores reconheça algum traço em si que tenha vindo de seu analista, que considere que sejam traços vindos da sua relação com seu analista, mas me parece que o crucial nessas escritas não é uma identificação com o objeto perdido, mas a perspectiva de que, no fim, uma análise pode nos levar a aceitar o sofrimento pela perda, em outras chaves de leitura possíveis, em outros modelos de luto, em uma posição que não seja centrada na identificação³² ou na atribuição de culpas, mas no reconhecimento dos buracos que são parte da nossa existência. Escritos que mantêm os buracos da estante: e não é isso, em alguma medida, o que temos no horizonte de toda análise? As supracitadas escritas exemplificam outros lutos possíveis, e o luto como um processo de criação, como uma maneira de transmitir a perda, feita caso a caso, a partir dos fragmentos singulares de cada transferência. Escritas essas que se abrem – no sentido teorizado por Dunker – para outros lutos, que permitem conectar o luto de todos os que já perderam seus analistas, e no sentido mais amplo, de todos os

leitores que tentam encontrar palavras para falar da perda de seus amados, lutos infindos que perpassam nossas vidas inteiras.

Visitando a transitoriedade

Gostaria de mencionar que o que me precipitou a pensar o luto transformado em escrita e o que me mobilizou à elaboração do presente texto foi a experiência da morte do meu analista durante o processo analítico. O ímpeto para transformar experiências de luto em escrita já havia me mobilizado anteriormente a escrever sobre a perda de uma grande amiga – abordado em diálogo com outros tantos lutos³³ – e posteriormente me inspirado à escrita de uma autoficção³⁴ baseada na morte de mais de 90% dos meus ascendentes paternos em decorrência do Holocausto – uma pedrinha dentro desse grande luto coletivo aberto que marca os sobreviventes judeus da Segunda Guerra Mundial.

Après-coup, constato como, mesmo antes da morte do meu analista, o tema do luto transpassou toda essa minha análise. De início, quando nas entrevistas iniciais fui perguntada por meu analista o que me levava a procurá-lo para análise, eu me “desculpei” pela indiscrição pois sabia algo da sua vida íntima e que havia sido determinante na minha escolha. Uma grande amiga minha, que já vinha de duas décadas de análise com ele, havia me contado que quando jovem ele perdera toda a família em um acidente e ela sempre dizia que achava impressionante como, a despeito de todas essas perdas, ele era alguém que tinha uma leveza diante da vida. Era aquele traço que havia me impulsionado a procurá-lo. Saber que ele conhecia o que era uma devastação daquelas que rasga a vida

gostaria de mencionar
que o que me precipitou
a pensar o luto transformado
em escrita e o que me mobilizou
à elaboração do presente texto
foi a experiência da morte
do meu analista durante
o processo analítico

de alguém em antes e depois, que transforma o mundo entre aqueles que sabem o que é sobreviver a algo de dimensões que por vezes parecem sobre-humanas, e, ainda assim, poder ser leve, encerrar a vida com uma boa dose de alegria.

Tive uma experiência única nessa análise, marcada por uma escuta que eu chamaria de estética, poética, de uma maneira totalmente inédita para mim. Eu vinha de uma longa análise anterior, de mais de década, mas foi nessa análise que se precipitou o fim desse percurso analítico.

Meu analista com alguma frequência entregava em um pedaço de papel fragmentos da análise – algo que eu havia dito, algo que ele recortara da minha fala ou mesmo uma anotação teórica (partindo do corpus lacaniano). Foi assim que, após cerca de um ano, um dia eu apareci numa sessão com fragmentos da análise, os papezinhos que ele me entregava mais um tanto de outros que eu montara em um mosaico, alicerçado naqueles tantos outros anos de análise. Passamos algumas sessões falando desse mosaico de fragmentos de mim, de fragmentos de análise, após o que eu dei por finda a análise. Lembro da sensação de alegria compartilhada, do sorriso dele diante do meu ato de finalizar a análise, de sair dizendo um adeus e avisando que em breve deixaria um presente para ele na sala de espera. Assim, após algumas semanas, coloquei numa mesinha um recado com um azulejo que tinha em casa

³² Embora não seja o objetivo do presente texto abordar a problemática do fim de análise, é digno de nota mencionar, mesmo que brevemente, que temos na perspectiva lacaniana um fim de análise que não se baseia em um modelo de identificação do analisando com seu psicanalista. E igualmente, embora Reik formule seu luto em termos finitos, seu modelo de análise tampouco se baseia em um modelo de identificação com o analista.

³³ C. Medeiros e M. Bialer, *Aquele lugar entre nós*.

³⁴ M. Bialer, *A perdedora de memórias*.



*sem usar o divã, face
a face, o luto era o tema
quase monotemático
da minha análise.
Durante meses, eu falava
com meu analista, que estava
ele mesmo morrendo,
sobre morte, o tempo todo*

com imagens de *Alice no país das maravilhas* e os dizeres “Quanto tempo dura o eterno? Às vezes apenas um segundo”.

Depois de muitos meses, não lembro ao certo quanto, se chegou a ser um ano ou um pouco menos, eu me encontrava em um trabalho de luto intenso. Acabara de acompanhar intimamente uma grande amiga da faculdade em seu processo de morrer – amiga que eu conhecera aos dezessete anos quando entramos na faculdade e que morria com três décadas de vida, deixando uma pequena filha e em situação de imensa angústia. E, em seguida, minha tia acabara de ter diagnosticado um câncer extremamente agressivo na boca. Foi assim que decidi procurar novamente esse mesmo analista, para falar do tema da morte. Sem usar o divã, face a face, o luto era o tema quase monotemático da minha análise. Durante meses, eu falava com meu analista, que estava ele mesmo morrendo, sobre morte, o tempo todo. Ele demorou para ter o diagnóstico definitivo e do que sei omitiu de todos os analisandos a doença; assim não falamos do seu câncer e da sua morte iminente (um processo bem rápido que durou alguns meses entre sintomas e morte). Entretanto, sua fragilidade crescente era patente. Lembro do meu analista em mais de um momento agradecer por algo que havia sido dito, no fim da sessão pedir para darmos um abraço. Como se juntos estivéssemos tentando dar toda a legitimidade aos

buracos das nossas bibliotecas. O adeus definitivo foi no rito fúnebre, seu enterro, com mais muitas lágrimas e um abraço de conforto que pude dar em seu viúvo.

Desses dois períodos de análise, muito distintos entre si, lembro de uma constante: ele adorava falar do carnaval, que era tão importante contemplar as escolas de samba cariocas no sambódromo, aquela beleza que sabíamos que ia acabar. Ele me transmitia aquilo que Freud abordava em “A transitoriedade”³⁵ como a ideia de poder desfrutar da vida, a despeito de sua brevidade. Do saber de que toda beleza está destinada a desaparecer.

Esse texto começa com o relato de um episódio transcorrido um pouco antes da Primeira Guerra Mundial: trata-se de uma caminhada de Freud com um amigo taciturno e um poeta que estava atordoado com a ideia da finitude da bela paisagem em que se encontravam, e no sentido existencial mais amplo, de como toda a beleza e a vida estão destinadas ao fim. Em contrapartida, o que Freud nota é quanto é essa mesma beleza fisgada no transitório que potencializa a experiência estética, em quanto ela toca o infinito. Ou ainda, como sugere Dunker, no texto que mencionei antes, o luto se torna um processo mais geral da “desaparecência”³⁶ a que estamos todos e tudo destinados, e o que pode ser inventado a partir disso. Há um momento estético que criamos na vida, e no transcorrer de uma análise e do luto, que por sua vez tem relação com a transformação de si mesmo, pelo processo de luto, ao acolher a transitoriedade e o fim como tal (em seu movimento também de abertura, como argumentei, baseando-me na revisitação da construção do luto em Dunker). Como disse Freud:

É incompreensível, afirmei, que a ideia de transitoriedade do belo deva perturbar a alegria que ele nos proporciona. Quanto à beleza da natureza, ela sempre volta depois que é destruída pelo inverno, e esse retorno bem pode ser considerado eterno, em relação ao nosso tempo de vida³⁷.

Recentemente estava no sítio, olhando uma fileira de flores tumbérgias, quando vi um beija-flor com

as asas em movimento enquanto se sustentava no fio do tempo de modo a se nutrir e continuar sua viagem. Não me tornei uma apreciadora de carnavais após essa análise, mas penso que aprendi a poder olhar a transitoriedade e ser olhada por ela, como se eu fotografasse a beleza da cena, encantada pelo instante que tocava o eterno, e que desapareceria em um segundo.

Desde a experiência da morte do meu analista, retomei minha análise anterior. Nesse tempo, recebi alguns analisandos que haviam perdido seus analistas no transcorrer do tratamento. Pude acompanhar do lado de cá a escuta dessa perda, por vezes o lamento daquela experiência para sempre perdida. A despeito de todo o sofrimento de ter acompanhado o morrer do meu antigo analista, sou grata por tudo o que essa análise me transformou e que me permitiu inclusive reinventar minha relação analítica anterior. Em um eixo, um luto finito, com marcas que ficaram em mim, com experiências que me transformaram; em outro eixo, um luto que se abre aqui, para outros lutos, por meio dos escritos de luto.

penso que aprendi a poder
olhar a transitoriedade e ser olhada
por ela, como se eu fotografasse a
beleza da cena, encantada
pelo instante que tocava
o eterno, e que desapareceria
em um segundo

À guisa de conclusão, reitero a importância de podermos circular experiências de luto perante a morte dos analistas, alargando a questão de como podemos falar disso no campo psicanalítico, levando em conta atuais revisitações da teoria do luto em psicanálise, notadamente a perspectiva de que luto fechado e luto aberto podem não ser excludentes, mas figuras entremeadas do luto.

35 S. Freud, "A transitoriedade", in *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros escritos (1914-1916)*.

36 C. Dunker, *op. cit.*, p. 54.

37 S. Freud, "A transitoriedade", in *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros escritos (1914-1916)*, p. 249.

Referências bibliográficas

- Allouch J. (2004). *Erótica do tempo no tempo da morte seca*. Trad. P. Abreu. Rio de Janeiro: Companhia das Letras.
- Alonso S.L. (2022). *Ressonâncias da clínica e da cultura: ensaios psicanalíticos*. São Paulo: Blucher.
- Bialer M. (2023). *A perdedora de memórias*. São Paulo: Dialética Literária.
- _____. (2020). *Historiando a psicanálise: vida e obra de Theodor Reik* (Coleção Ato Psicanalítico). São Paulo: Zagodoni.
- Calligaris C. (2023). *O sentido da vida*. São Paulo: Paidós/Editora Planeta do Brasil.
- Despret V. (2023). *Um brinde aos mortos: histórias daqueles que ficam*. São Paulo: n-1 edições/Edições Sesc São Paulo.
- Dunker C. (4 junho 2024). *Psicanálise e luto: manejos clínicos*. Youtube [vídeo]. Disponível em *Psicanálise e Luto: Manejos Clínicos* | Christian Dunker.
- _____. (2023). *Lutos finitos e infinitos*. São Paulo: Paidós/Editora Planeta do Brasil.
- _____. (22 março 2023). *Lutos finitos e lutos infinitos. 1v Colóquio Filosofia e Psicanálise: a construção e o diálogo entre campos de investigação*. Disponível em *YouTube 1v Colóquio Filosofia e Psicanálise: A construção e o diálogo entre campos de investigação*.
- _____. (2017). *Reinvenção da intimidade: políticas do sofrimento cotidiano*. São Paulo, SP: Ubu.
- 76 Freud S. (1917/2010). *Luto e melancolia*. In *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros escritos (1914-1916)*. Trad. P.C. de Souza. (Obras Completas, v. 12). São Paulo: Companhia das Letras, p. 170-194.
- _____. (1916/2010). *A transitoriedade*. In *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros escritos (1914-1916)*. Trad. P.C. de Souza. (Obras Completas, v. 12). São Paulo: Companhia das Letras, p. 247-252.
- _____. (1912-1913/2012). *Totem e tabu*. In *Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)*. Trad. P.C. de Souza. (Obras completas v. 11). São Paulo: Companhia das Letras, p. 13-244.
- Goldberg L. (2019). *Das tumbas às redes sociais: um estudo sobre a morte e o luto na contemporaneidade*. São Paulo: Benjamin.
- Jaffe N. (2021). *Lili: novela de um luto*. São Paulo: Companhia das letras.
- Leader D. (2011). *Além da depressão. Novas maneiras de entender o luto e a melancolia*. Trad. F. Santos. São Paulo: Best Seller.
- Lima N. de O. (2023). *Um beijo roubado: narrativas de uma análise com Contardo*. (Coleção Ato Psicanalítico). São Paulo: Zagodoni.
- Medeiros C.; Bialer M. (2020). *Aquele lugar entre nós*. São Paulo: Zagodoni.
- Pinho-Fuse M.X. (2022). *Luto à flor da pele: as tatuagens in memoriam em leitura psicanalítica*. São Paulo: Blucher.
- Reik, T. (1964). *Pagan rites in Judaism: from sex initiation, moon-cult, tatooing, mutilation, and other primitive rituals to family loyalty and solidarity*. New York: Farrar, Straus and Young.
- _____. (1956). *The search within*. New York: Farrar, Straus and Cudahy.
- _____. (1953). *The haunting melody: psychoanalytic experiences in life and music*. New York: Farrar, Straus and Young.
- _____. (1949). *Fragments of a great confession*. New York: Farrar, Straus and Company.
- Salum L. (2024, 24 out). Post: "Geralmente encadeamos os lutos. Ontem, diante da morte de Antonio Cícero e das lindas continuidades dele nos outros, lembrei-me do Contardo...". [Perfil do Instagram].
- Vianna M. de P. (2024). *A morte do psicanalista e a perpetuação da análise*. Dissertação [Mestrado], Departamento de Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia da USP.

Mourning Writings: On the Death of the Analyst

Abstract The article examines distinct models of mourning – those that are finite, grounded in the Freudian totemic paradigm, and those that are infinite and open-ended, rooted in a non-phallic logic. This exploration is structured around a central thread: the mourning writings produced by psychoanalysts in response to the death of their own analysts.

Keywords mourning; writing; analyst; death.

Texto recebido: 02/2025.

Aprovado: 04/2025.